

Arrumações de mundos, lutas ontológicas e imaginações geográficas: propondo uma geografia literária a partir da obra de Mia Couto

Arrangements of worlds, ontological struggles, and geographical imaginings: proposing a literary geography based on the work of Mia Couto

Arreglos del mundo, luchas ontológicas y imaginaciones geográficas: proponiendo una geografía literaria a partir de la obra de Mia Couto

Francyjonison Custodio do Nascimento
SEEC-RN
jonisoncustodio@gmail.com

Resumo

Numa abordagem que supera os contatos episódicos e marginais da relação Geografia – Literatura, este artigo discute como o entrelace destes campos do saber se mostra frutuoso quando se propõe a investigar as imaginações geográficas presentes na própria obra, se desvencilhando das concepções que procuram os aspectos da realidade nas manifestações artístico-literárias. Partindo desses pressupostos, elegemos a obra do autor moçambicano Mia Couto para, nela e por meio dela, compreender as imaginações geográficas a respeito do mundo único e das coexistências de geograficidades. Para tanto, discutimos a respeito do entrelace ciência geográfica e arte literária bem como acerca da reflexão e proposição de mundos presentes no realismo mágico de Mia Couto. Concluímos que o entrelace entre a Geografia e a obra coutiana se revela como parte das lutas ontológicas de Escobar (2014), num combate ao ideário de mundo único e promover imaginações geográficas de coexistências, bem como pode ser um roteiro frutífero para a geografia literária.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. Mia Couto. Imaginação.

Abstract

This article takes an approach that overcomes the episodic and marginal nature of the Geography - Literature relationship by discussing how the intertwining of these two fields of knowledge is fruitful when the intention is to investigate the geographical

imaginings present in the work itself, as opposed to conceptions that search for the aspects of reality in artistic-literary manifestations. Based on these assumptions, Mozambican author Mia Couto's work was selected to understand geographical imaginings about the unique world and the coexistence of geographies in and through his writings. Thus, in addition to the debate about the interweaving of geographic science and literary art, we discuss the reflection and proposition of the worlds present in Mia Couto's magical realism. We conclude that the intertwining between Geography and Couto's *oeuvre* is disclosed as part of Escobar's ontological struggles (2014), fighting against a single world's ideas and promoting geographical imaginings of coexistences; furthermore, is it a fruitful script for literary geography.

Keywords: Geography. Literature. Mia Couto. Imagination.

Resumen

Este artículo adopta un enfoque que supera el carácter episódico y marginal de la relación Geografía-Literatura, discutiendo cómo el entrelazamiento de estos dos campos de conocimiento es fructífero cuando se pretende investigar los imaginarios geográficos presentes en la propia obra, frente a las concepciones que buscan los aspectos de la realidad en las manifestaciones artístico-literarias. Partiendo de estas premisas, se seleccionó la obra del autor mozambiqueño Mia Couto para comprender los imaginarios geográficos sobre el mundo único y la coexistencia de geografías en y a través de sus escritos. Así, además del debate sobre el entrelazamiento de la ciencia geográfica y el arte literario, discutimos la reflexión y la proposición de los mundos presentes en el realismo mágico de Mia Couto. Concluimos que el entrelazamiento entre la Geografía y la obra de Couto se revela como parte de las luchas ontológicas de Escobar (2014), que combate las ideas de un solo mundo y promueve imaginaciones geográficas de coexistencias; además, es un guión fructífero para la geografía literaria.

Palabras clave: Geografía. Literatura. Mia Couto. Imaginación.

Introdução

O entrelace entre Geografia e Literatura transborda fecundidade, mas traz consigo ainda potencialidades diversas. É um contato antigo que, ao longo das últimas décadas vem se estreitando e se modificando. A relação se iniciou marginal e episódica, com as obras literárias compreendidas apenas como complementos do trabalho dos geógrafos, meros “testemunhos geográficos”, e vem se desenvolvendo numa postura mais dialógica, valorizando as manifestações artístico-literárias como obras autônomas e não meras cópias da realidade geográfica (BROSSEAU, 2007; KARJALAINEN, 2012). De fato, seja porque ensinam redescobrir as heranças literárias da ciência geográfica ou porque estão comprometidos com o intento de produzir uma Geografia que se interesse com os sonhos e as inspirações humanas, os geógrafos cada vez mais estão estabelecendo contatos com as obras literárias (CLAVAL, 2010; POCOCK, 2013). Fruto de geografias criativas, o entrelace entre a Geografia e a Literatura se faz numa expansão de campos, reconhecendo a espacialidade das obras artísticas e o teor artístico que está impregnado em todo e qualquer fazer geográfico (HAWKINS, 2013).

Este movimento de expansão dos campos favorece a compreensão de que, no seio da ciência geográfica, já não há excisão sumária de outras fontes de saberes; a ciência, então,

não é mais perspectivada como o único veículo/produzidor de conhecimento. Na verdade, ciência e arte são compreendidas como narrativas inacabadas do mundo, eclodindo toda hierarquização do conhecimento (DOZENA, 2020). Justamente por isso, unir Geografia e Literatura é sempre a possibilidade de subverter as divisões e dicotomias que o projeto moderno insistiu em legar à sociedade contemporânea. É a opção de apostar na mistura dos saberes (MARANDOLA & GRATÃO, 2010). Entrelaçar Geografia e Literatura, portanto, é o movimento constante de reinaugurar possibilidades, de rasgar fronteiras disciplinares, rumando a uma ciência plural, aberta e atenta às exigências da sociedade.

Assim sendo, optar por estudar a arte literária no seio da Geografia é entrar numa dança de significados, de intertextualidades e imaginações geográficas. Partindo da compreensão de que as manifestações artístico-literárias possuem uma potência interpretativa, transformadora e criadora de mundos, o entrelace Geografia e Literatura se mostra frutífero quando as articulações teórico-metodológicas se preocupam em investigar as imaginações geográficas presentes no interior das próprias obras (BESSE, 2010; OLWIG, 2013). As imaginações geográficas, de fato, recompõem o que consideramos como realidade, misturando-a com sonhos e devaneios dos seres humanos, poetizando-a. (CLAVAL, 2021).

Com efeito, estudar as imaginações geográficas se evidencia pertinente a interpretar produções literárias que são legendas do mundo, estruturas de compreensão da realidade e, ao mesmo tempo, compreender como se forja outras propostas de mundo e outros significados da própria realidade geográfica. Desse modo, ao propor reflexões dentro do campo das imaginações geográficas coadunado com as linguagens artístico-literárias, compreendemos a importância dos discursos e/ou das imagens da realidade, que são também constituintes da própria realidade (CLAVAL, 2021). Estudos desse referido campo, por si só, já ocupa um lugar privilegiado na Geografia; e sua fecundidade tende a crescer quando ele está interligado a outras áreas do saber e, sobretudo, ao campo das artes (DANIELS, 2011).

Diante disso, propomos como potente caminho da geografia literária as investigações das imaginações geográficas presentes nas obras de Mia Couto. Neste universo literário, há um contato entre vivências e visões de mundo, entre diferentes geografidades, entre diferentes modos de imaginar o espaço, entre o progressismo e o arcaísmo, entre os espaços – a cidade e a vila, o local e o global/estrangeiro, por exemplo. Esse contato do diverso costura inúmeras imaginações geográficas a respeito do habitar o mundo e do construir uma identidade espacial. A obra de Mia Couto, então, nos mobiliza a pensar a respeito da experiência geográfica de mundo, pelo viés da imaginação, das geografias dos sonhos (DARDEL, 2015).

Muitos trabalhos já elegeram a obra de Mia Couto como objeto de reflexão para as análises geográficas (MORAES, 2012; FEITOSA, 2013; PALHARES, 2020). Alguns destes trabalhos, contudo, como a maioria dos trabalhos envolvendo Geografia e Literatura, procuraram encontrar vestígios geográficos na obra numa busca por conceitos geográficos. Outros assumem uma geografia literária mais fluída, mais dialógica, fazendo dialogar Geografia e Literatura verdadeiramente, sem que um campo do saber se sobreponha ao outro (BROSSEAU, 2007; KARJALAINEN, 2012). É nesta senda que nos colocamos. Assim sendo, escolhemos o universo da obra coutiana para, nele e por meio dele, indicar

pressupostos de investigação acerca das imaginações geográficas na geografia literária. Nesta investigação, parte de uma pesquisa em andamento, pretendemos compreender como a crítica a um “mundo único” bem como a proposta do nascimento de um *pluriverso* na obra coutiana, a luz do projeto de transição cultural e ecológica de Escobar (2014), pode ser um campo frutífero de estudo para a geografia literária.

A geografia e literatura: possibilidades e indicações

A Geografia também caminha pelas searas do simbólico, dos sentimentos, das significações que os seres humanos dão ao espaço, ao mundo. Por estes caminhos, a Literatura sempre foi uma companheira que, ora mais próxima, ora mais distante, dividiu os passos com a ciência geográfica, se valendo das mais variadas teorias e posturas interpretativas (BROSSEAU, 2007; MARANDOLA JR & GRATÃO, 2010). Antes de nos envolver com a literatura de Mia Couto e suas imaginações geográficas, se faz necessário discutir, ainda que brevemente, acerca da relação entre a Geografia e Literatura, postulando pressupostos teórico-metodológicos. De fato, na chamada “geografia literária”, há inúmeras perspectivas sobrepostas que seguem igualmente diversos eixos epistemológicos e metodológicos das áreas da Geografia, não sendo uma exclusividade de nenhum dos seus “subcampos” (RIDANPÄÄ, 2017). Mesmo compreendendo as linguagens artísticas como portadoras de saberes e significados geográficos, é preciso compreender que a Literatura não é mero instrumento para análises geográficas ou para o estudo do conhecimento geográfico. Dentre estes eixos epistemológicos e metodológicos da geografia literária, queremos frisar aqueles que negam a obra literária como um mero objeto diante de um geógrafo, pronto a deprender verdades já estabelecidas (BROSSEAU, 2007).

E o termo “objeto” aqui não é usado em vão. Ao perspectivar a obra como um objeto a ser assenhorado, instrumentalizado para anunciarem uma certa geografia das manifestações artístico-literárias, não se é permitido ser surpreendido pela obra. Nesse entendimento, numa espécie de maiêutica da obra, se extrai apenas o que já se sabe, o que já está no “interior” do geógrafo e precisa apenas nascer – o que é uma visão errônea, pois, na Geografia e suas abordagens culturais, é claro que o geógrafo recebe dos outros o que não é inato nele (CLAVAL, 2021). Assim, nas perspectivas instrumentalizadoras, as relações de alteridade e as perspectivas de encontro são frustradas (BROSSEAU, 2014).

Essa visão de assenhramento, de instrumentalização, é problemática, posto que nela não há diálogo Geografia-Literatura. O que há, na verdade, é uma proeminência da Geografia que instrumentaliza as obras literárias. Em outras palavras, é a ratificação plena da correlação moderna de sujeito-objeto, submetendo a Literatura ao mundo da Geografia, onde esta última reina soberanamente, sem diálogos horizontais, imune à alteridade. Trata-se de

[...] saber se os romancistas são bons geógrafos, isto é, até que ponto eles se ligam ao tipo de fatos que habitualmente encontramos nas obras de geografia acadêmica. Assim, parece haver a vontade de solicitar que a literatura de ficção torna-se uma ferramenta de primeiro nível (busca de informações positivas) para o geógrafo, (BROSSEAU, 2007, p. 27).

Nesta visão, com efeito, corre-se o perigo da Geografia tentar *domestificar* a literatura, se *assenhorar* dela. Esta postura senhorial acaba por proporcionar uma análise do conteúdo manifesto na própria obra, selecionando alguns trechos específicos que apenas colaborarão com os *preconceitos* do geógrafo, as suas ideias já preestabelecidas. Duas metáforas podem ser esclarecedoras para compreendermos esta visão: a de Karjalainen (2012) a respeito de jogar as redes conceituais da geografia no rio da literatura; e a de Pocock (2013) sobre os escritos literários serem como uma pedra literária a partir da qual se constrói uma espécie de topografia. Estas metáforas aludem a posturas senhoriais, nas quais é comum o geógrafo-leitor buscar uma determinada geografia na literatura, perscrutando a obra atrás das categorias e dos conceitos da Geografia até encontrá-los.

Para fugir dessas visões equivocadas, com Olwig (2013), percebemos a necessidade de “ler a literatura como literatura” e não “ler a literatura como geografia”. De fato, ler a literatura como geografia sufocaria o diálogo entre os campos, seria apenas mais uma versão de uma Geografia que se assenhora. Ler a literatura como literatura, ao contrário, faz-se reconhecer a potencialidade da arte literária como tal. Não submeter a literatura, então, a padrões “modernos” da ciência geográfica, domesticá-la, posto que o intento é sempre dialogar e não cooptar. Esta postura dialógica é vital, porque os conhecimentos geográficos se edificam no caráter relacional, nos contatos. A geografia literária deve ser uma Geografia que recusa a postura da egolatria (LÉVINAS, 2008).

No intento de ler a literatura como literatura, evitando posturas de uma ciência que Brosseau (2007) chamou de geografia egocentrada, o geógrafo não pode se eximir de algumas reflexões específicas. Entre elas, pode-se enumerar: a) a autonomia da obra interpretada, que não pode ser submetida a uma leitura instrumentalizada; b) a própria relação Geografia – Literatura, suas concepções e seus métodos; c) considerações estéticas da obra; e c) o contexto sociogeográfico e as intertextualidades presentes (BROSSEAU, 2007). Assim sendo, se valer apenas de técnicas objetivas e de análises de conteúdo, geralmente, é um caminho que tolhe a potencialidade das geografias literárias, pois elas não têm o poder de promover verdadeiros diálogos e se perdem na egolatria geográfica. Tal egolatria nos impossibilita de captar a essência da palavra criada, sempre estuante de sentido (POCOCK, 2013).

A nossa articulação teórico-metodológica, então, está baseada numa relação dialógica entre Geografia e Literatura, atravessada pela alteridade, que reconhece o outro enquanto outro. Nesse processo, além do contato direto com o universo da obra elegida, é vital se valer de algumas referências sobre ela, seja a respeito da estética da obra, do contexto socioespacial ou de uma ligação a um movimento literário. Ainda que estas referências não sejam determinantes para a leitura e interpretação que possuem uma autonomia própria, elas podem auxiliar na compreensão desta própria autonomia, posto que nenhuma obra é desarraigada. Ela sempre está conectada a outras obras, a outras intertextualidades, a espaços específicos antes de criar vida própria e de se relacionar com o geógrafo-leitor (OLWIG, 2013)

Neste processo de promover diálogo entre Geografia e Literatura, saber dar voz a esta última nos torna mais sensíveis, mais atentos à nossa própria situação geográfica. Na

verdade, esta postura de ler a literatura como literatura nos possibilita descobertas existenciais (CANDIDO, 1972; BROSSEAU, 2007). E estas, por sua vez, nos oportunizam compreender a nossa situação geográfica, a nossa condição terrestre. Isto é, são possibilidades de fazer descobertas existenciais de teor geográfico. Dentro deste horizonte próprio da Literatura, as imaginações geográficas produzidas pelas manifestações artístico-literárias nos forjam a capacidade de compreender melhor o mundo e nossa relação com ele, a nossa condição existencial de sermos seres mundanos, terrestres (BESSE, 2010; OLWIG, 2013).

É preciso, então, compreender a obra literária como uma escrita que funda e remodela imaginações geográficas, que é sempre uma legenda do mundo e, ao mesmo tempo, estrutura de compreensão da realidade, de como a sociedade concebe e habita o mundo (CANDIDO, 1972; SERRES, 2001; CLAVAL, 2010). Numa palavra, é preciso se aventurar pelas imaginações geográficas das obras. Na verdade, quando tratamos da literatura, sobretudo a coutinana, é necessária pensá-la como uma forma de romper com os modelos binários, hierarquizados de compreensão do mundo, ou melhor, de arrumação do mundo (CANTARIN, 2012). Neste sentido, exercitar o diálogo entre Geografia e Literatura não está alicerçado numa posição purista de distinguir o que é fato e o que é da ficção, como outrora, numa postura que perspectivava a literatura como reprodução factual da realidade. Tal dialogo se dá, na verdade, no movimento de compreender as estruturas narrativas do mundo literário e suas inter-relações com o mundo como um processo de “ruptura”, de estranhamento em relação à realidade, ainda que tenha um pé na própria realidade (OLWIG, 2013; RIDANPÄÄ, 2017). Desse jeito,

A verdade da ficção é uma verdade além dos meros fatos. [...] A verdade literária tem uma universalidade: ela evoca uma resposta no peito de todos, embora aparentemente preocupada com o particular. Novamente, é uma verdade que é mais humanamente significativa. (POCOCK, 2013, p. 11, tradução nossa).

Nesse sentido, deve-se negar que os aspectos poéticos da arte literária, as diversas literaturas, ficcionais ou não, sejam compreendidos como ilusões, como desatinos. A ciência e os aspectos poético-imaginativos, de fato, não são excludentes, mas se entrelaçam (BACHELARD, 2006). Com efeito, o geógrafo pode confiar nos olhares poéticos. Isto porque a fantasia, a poética e a imaginação contam *outras* verdades, outras maneiras de narrar o mundo (POCOCK, 2013; WRIGHT, 2014; DARDEL; 2015). Não se tratam de geografias falsas, mas de *outras geografias*, de outras maneiras de inspecionar, compreender e propor a realidade geográfica.

É justamente por isso que o entrelace dos estudos geográficos com os literários pode contribuir para a compreensão do lugar e do papel do imaginário na relação humana com o mundo, focalizando os discursos espaciais e as imaginações geográficas presentes nas manifestações artístico-literárias. Desse modo, as imaginações geográficas, das quais a literatura ficcional é um vetor importante, são interpretadas, e muitas vezes “denunciadas”, como discursos de ordem geográfica. Discursos estes que pretendem confirmar, naturalizar, legitimar visões de mundo binárias, ideologias espaciais assimétricas (BROSSEAU, 2014).

Entretanto, como lembra Cosgrove (2008), não apenas sobre o aspecto “negativo” que as imaginações geográficas são abordadas no *corpus* da ciência geográfica. De fato, do mesmo modo que elas podem ser utilizadas para legitimar ou naturalizar visões de mundo binárias podem também ser interpretadas como discursos que desmistificam e/ou tentam debelar tais visões. Desse modo, as imaginações geográficas se colocam tanto como ferramentas teórico-conceituais como também metodológicas (GREGORY, 1994; OLWIG, 2013).

É nesse sentido que as imaginações geográficas podem ser usadas como estruturas de compreensão das dinâmicas do poder, expressas por meio de formulações socioespaciais. Contudo, não só as dinâmicas de poder são expressas pelas imaginações geográficas. Sentimentos de lugaridade, os significados das paisagens para um determinado grupo social ou para pessoas específicas, modos de se relacionar com o espaço geográfico também estão presentes. Todas essas dinâmicas estão sempre em interação com espaços imaginários, promovendo discursos e entendimentos sobre o espaço, que, por sua vez, podem alterar a consciência geral e conseqüentemente o próprio espaço (GREGORY, 1994). Nesta compreensão, as imaginações geográficas são capazes de mobilizar o raciocínio geográfico, remodelar pensamentos, reelaborar práticas socioespaciais e, por fim, promover justiça espacial (HARVEY, 2006).

A partir desses pressupostos, mostra-se pertinente se enveredar pelas searas do imaginário geográfico presente nas manifestações artístico-literárias. Mas quais são as imaginações geográficas presentes na obra de Mía Couto? Que tipo de discursos gestam, mobilizam e reproduzem estas imaginações? Há diálogos destas imaginações geográficas de Couto com outras imaginações? São perguntas norteadoras pertinentes. Como podemos respondê-las? Vamos a algumas possibilidades.

Geografia literária da obra coutiana: lutas ontológicas e proposições de mundo

Mía Couto é um autor moçambicano. Como outros grandes nomes da Literatura africana de língua portuguesa, seus romances ecoam questões que dizem respeito a aspectos do campo histórico, político e socioespacial da África e, em especial, de Moçambique. Sua obra está imersa nessa dinâmica de remodelagem do mundo própria das imaginações geográficas, discutida anteriormente. Ela, de fato, é um chamado a recriar o mundo. A obra coutiana, compreendida dentro do realismo fantástico, é uma categórica negação do mundo tal como ele aparece e, ao mesmo tempo, se revela como uma vontade clara da sua reconstrução, como um desejo de *rearrumar* o mundo. O universo ficcional de Mía Couto, assim, tem a capacidade de desvelar um modo peculiar de sondar a realidade e de lhe proporcionar um tratamento que a transforme (CANTARIN, 2012). Essa capacidade, entretanto, não se resume a uma mera idealização; na verdade, o texto coutiano alimenta-se necessariamente de fatos que pertencem à “realidade quotidiana”, tais como os aspectos da globalização liberal e as intervenções locais do poder econômico. Há, porém, um movimento do concreto para o além factual. O texto coutiano, de fato, insiste em propor a suspensão e/ou a superação da realidade factual para dar lugar a um novo começo, à arrumação do mundo (AFONSO, 2004). Temos em Mía Couto, de certo modo, uma estética engajada – ainda que

não seja panfletária. Mesmo com o caráter subjetivo e intimista de suas obras, a permanência da perspectiva de mudança, do insurgir de novos mundos, sempre foi evidente (SILVA, 2010).

Assim, é inegável que há um contexto socioespacial, intrinsecamente ligado a estética da arrumação do mundo, no qual a obra coutiana e seus imaginários geográficos encontram terreno para germinar. De fato, Moçambique, terra natal de Couto, é a única ex-colônia portuguesa banhada pelo Oceano Índico e esse pequeno dado locacional é fulcral na formação do imaginário geográfico moçambicano que reverbera na obra coutiana: há uma miríade de identidades e influências culturais na sua composição, desde os nativos e os próprios portugueses, passando pelos países vizinhos de colonização inglesa até o além-Índico com indianos e muçulmanos em geral (CANTARIN, 2012). Não se nega, inclusive, que cada grupo desse é plural no seu próprio seio, ampliando o caráter mestiço do contexto socioespacial. A discussão aqui não é esta. O que queremos frisar é que, mesmo compreendendo que a obra não pode ficar presa ao contexto socioespacial do autor, este último é importante, posto que inúmeras imaginações geográficas serão compreendidas a partir desse contexto. A obra, de fato, ganha uma outra vida no encontro com o leitor/intérprete. Há um mundo e multiplicidade de sentidos que nascem do próprio texto. Entretanto, o realismo fantástico de Mia Couto e suas imaginações geográficas são formados pelos contatos de substratos mitológicos e modelos modernos de vida a entrecortar contextos socioespaciais.

Desse modo, o imaginário presente nas obras se desenvolve numa potência de liberdade, mas ele se enraíza num dado lugar, num dado contexto e reverbera de mil maneiras. A terra que acolhe a semente destas estórias e, simultaneamente, faz deflagrar o romance é importante. É dela que as imaginações geográficas a respeito da obra construída ganharão um valor universal, que não se limita a um caráter particular. As ressonâncias literárias provocam novas percepções, novos entendimentos do mundo, (re)imaginações geográficas (POCOCK, 2013).

Diante disso, uma possível e potente maneira de interpretar as imaginações geográficas das obras de Mia Couto é por esta via temática do mundo unidual, da ontologia uni-mundista. Diante de um mundo em crescente homogeneização, de um mundo único, Mia Couto, com sua obra, privilegia o pluriverso, o universo da outridade, a coexistência dos diferentes modos de habitar o mundo, das múltiplas geograficidades, das experiências de mundo distintas da modernidade eurocêntrica (ESCOBAR, 2014; DARDEL, 2015). Essas são as imaginações geográficas presente na obra. Imaginações plurais, híbridas. Imaginações, podemos dizer, que compõem lutas ontológicas. Do que tratam tais lutas?

Escobar (2014) propõe o conceito de luta ontológica para compreender as transições ecológica e cultural atuais bem como os seus discursos que evidenciam e proporcionam transformações culturais dos mais diversos tipos que regem a contemporaneidade. As lutas ontológicas, então, seriam uma clara defesa de outros modelos de vida diferentes do atual, com alta exploração do capitalismo e a conseqüente degradação ambiental, cometidas em nome de um pretenso progresso, um desenvolvimento. E, como enfatiza o próprio autor, essa ideia do progresso, que estende(u) seu campo de influência para a maioria dos cantos do

mundo desde o colonialismo, é quase sempre defendido com violência e brutalidade (ESCOBAR, 2015). As lutas ontológicas, por sua vez, promovem e são promovidas por uma transação cultural e ecológica, provocando o nascimento e o fortalecimento de um *pluriverso* (ESCOBAR, 2014), isto é, um mundo em que é possível a existência de vários mundos, um mundo onde cabem muitas palavras e inúmeras maneiras de habitar e se relacionar com a terra, erodindo o mundo único e seus discursos dualísticos, dicotômicos.

As lutas ontológicas, portanto, são maneiras de inaugurar geograficidades, modos de ser e estar no mundo condizentes com a condição do ser humano consciente de sua essência terrestre e, por isso, um só com o espaço geográfico. Se evidencia, cada vez mais, mundos relacionais (ESCOBAR, 2015). É preciso, assim, se “desvencilhar” de relações inautênticas, dualísticas, que não reconheçam o caráter terrestre da essência humana e tentam impor, por meios de ações e discursos geográficos, a mentalidade do mundo único. Tal desvencilhar se dá por meios de lutas ontológicas, que se dão em vários campos.

Justamente por isso Escobar (2014) lembra que, por meio das lutas ontológicas, é sempre possível (re)imaginar outros espaços, outras palavras, outras geograficidades. A transição exige um projeto, uma *projeção*. Resistir aos ataques uni-mundiais da globalização liberal, que tenta a todo custo homogeneizar tudo ao eliminar as diferenças. As práticas e, sobretudo, os discursos do mundo precisam ser outros, necessitam ser reinventados. Os discursos não podem mais ser os “modernos”, com narrativas presas a elucubrações alinhadas ao desenvolvimentismo e ao progressismo. É essencial pensar em discursos que fortaleçam as lutas ontológicas, que estabeleçam estratégias de *re-existência* e enfraqueçam o projeto de mundo único.

O pensar desse projeto, assegura Escobar (2014), deve ser realizado em caráter interepistêmico, aberto, plural. Um caráter formado por alteridades no campo do saber, por atos deliberados de unir as mais diversas lógicas, por um pensamento heterárquico (CASTRO-GÓMEZ & GROSFUGUEL, 2007). Esse caráter assegura a existência e a validade de uma miríade de conhecimentos e saberes que vão além do conhecimento científico, sobretudo aquele da ciência moderna. Assim, não só a ciência, mas a espiritualidade e o campo das artes ganham lugar e força no processo de transição cultural e ecológica, no repensar as geograficidades existentes.

Desse modo, para a efetivação ou simples proposição do projeto de transição cultural e ecológica, é vital erigir novos espaços de livre e fecundo diálogo entre artistas, acadêmicos, ativistas, intelectuais e referências da cultura popular. As artes e a discussão sobre elas podem ser um desses espaços. Como se sabe, elas são capazes de re-moldar o imaginário e as práticas sociais, construindo horizontes de mundos possíveis (HARVEY, 2006; DANIELS; 2011).

Com efeito, uma das inúmeras abordagens da geografia literária está preocupada com a função social da literatura em visualizar a realidade como ela não é, mas deve ser, estimulando mudanças com esse potencial. O reino da literatura é capaz de criar novos mundos, posto que a projeção de mundos futuros é um ato próprio do imaginário artístico (WUNENBURGER, 2007; POCKOCK, 2013). Nesse sentido, as manifestações artístico-

literárias são da ordem do mundo do desejo e não uma simples fuga da realidade (OLWIG, 2013). A obra coutinana não foge disso. Também é desejo de reimaginar, *rearrumar* o mundo. Tal desejo se dá na lógica do entrosamento, das trocas e destrocas (MAQUÊA, 2005).

É partir dessa lógica que se mostra não só possível como também pertinente e potente abordar as imaginações geográficas da obra de Mia Couto pela via temática do pluriverso. Afinal, o universo literário de Mia Couto é um retrato da lógica de misturas, de entrelaçamentos. Ao unir poética e prosa, arcaico e moderno, tradição e novidade, realidade e ficção, Couto (2005) faz do seu universo um pluriverso, pois tanto a forma como o conteúdo de sua obra estão sob a égide da multiplicidade, do contato dos “diferentes”. É um exemplo vigoroso de que não é possível obliterar as cosmologias diversas, as visões de mundo não-modernas, a cosmovisão uni-mundial (ESCOBAR, 2014). A obra coutiana é uma ode à humanidade e, portanto, à mestiçagem. É justamente isso que explica o próprio autor moçambicano:

Somos cidadãos da oralidade, mas também da escrita. Somos urbanos e rurais. Somos da nação da tradição e da modernidade. Sentamo-nos no computador e na esteira, sem nos sentirmos estranhos em nenhum dos assentos. E é assim que terá que ser: partilhamos mundos diversos sem que nenhum desses universos conquiste hegemonia sobre os outros (COUTO, 2005, p. 93).

Ao falar de si e dos seus conterrâneos, Couto (2005) relembra que sua literatura feita de misturas, de entrelaçamentos. O autor do realismo fantasioso se considera um “ser de fronteira” (ROTHWELL, 2015) e a linha que separa criador e criatura é tênue. Seus heróis, suas narrativas, suas obras também são fronteiriços, abertos ao contato do diverso; afinal, fronteira significa heterogeneidade. A obra coutinana, de fato, é expressão do pluriverso, da coexistência de mundos. Aliás, tal coexistência, mais do que uma simples existência simultânea, é uma convivência que se dá na ordem da heterarquia, sem uma dominação (COUTO, 2005; CASTRO-GÓMEZ & GROSFUGUEL, 2007)

Mia Couto, de fato, trabalha no *entre*, na convergência, no confluir de culturas, de mundos. Em suas obras, como vimos, há um imperativo que mistura tradição oral africana à tradição literária ocidental, prosa à poesia. Seu realismo fantástico trabalha num regime de sobreposições. Com efeito, a obra coutiana não reconhece e nem tenta impor fronteiras entre o real e o sobrenatural. Em suas literaturas, há um espriar e uma união daquilo que o projeto moderno de sociedade tentou separar durante séculos (ROTHWELL, 2015).

Nesse sentido, o universo coutiano promove geograficidades fronteiriças, de contatos ao ir de encontro às ontologias dualísticas, compostas por modos de vida necessariamente binários e excludentes. Isto porque a hibridez é própria da estética de Couto (SECCO, 2006). Mia Couto, na realidade, se utiliza dos próprios moldes da racionalidade moderna do Ocidente para nelas e a partir delas inserir narrativas de uma outra geograficidade (DARDEL, 2015), de outros projetos de viver frente ao mundo uni-mundiais da globalização liberal, que tenta homogeneizar tudo ao eliminar as diferenças (ESCOBAR, 2014). É no interior desse processo de coexistências que Mia Couto se utiliza tanto de signos

de libertação fundados no imaginário cultural moçambicano, reprimido durante o período colonial, como também de imagens oníricas e míticas de África e suas manifestações de cunho espiritual-religioso, rechaçado pelo governo de inspiração marxista que governou Moçambique (SECCO, 2006). A obra coutiana é uma literatura que explora e comunica ritmos locais e os consequentes choques com as mentalidades diferentes, com outros meios de viver o espaço, com a outridade. É um mosaico de mentalidades e modos de habitar o mundo. É um mundo essencialmente híbrido que imergimos no contato com a obra. São essas as imaginações geográficas que temos contato ao mergulharmos nos universos coutianos. Seja em *Terra Sonâmbula*, *Estórias abensonhadas*, *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* ou qualquer outra obra, há sempre uma escrita de misturas, de confluências: mundos diversos coexistindo num confluir ininterrupto de imaginações geográficas.

Considerações finais

Este artigo é apenas o despontar de um projeto de pesquisa mais amplo, que intenta compreender as imaginações geográficas das obras coutianas pela via temática das lutas ontológicas, do pluriverso. O trabalho, não obstante seu caráter introdutório, já descortina elementos importantes para o desenrolar de uma geografia literária da/na obra de Mía Couto. Entre esses elementos, é a possibilidade de produzir esta geografia literária coadunada com as imaginações geográficas.

A obra coutiana está revestida e entrecortada por imaginações geográficas que nos apresentam a possibilidade da existência da multiplicidade, da coexistência, na qual as distintas trajetórias, cosmovisões e geograficidades coexistem. Em tais imaginações, com efeito, o projeto de mundo único, criticado por Escobar (2014), perde forças. O que é reforçado é a proposta que envolvem novas maneiras de experimentar e habitar a terra, uma nova arrumação do mundo, a produção de novas geografias. Geografias de um mundo onde cabem muitos mundos.

Outro elemento importante levantado é que estas imaginações geográficas são gestadas num mundo que está ainda a se inventar e exatamente por isso carece de sonhos, de projetos oníricos. São imaginações que nascem de um pulsar específico: projetar o mundo como atividade essencialmente poética. Desse modo, Mía Couto, em sua obra, asfalta um caminho que a interpretação poética da Geografia que Eric Dardel (2015) abriu. Abraçar este caminho, com o universo literário do autor moçambicano, nos gera na certeza – se é que isto é possível no campo da geografia literária – de que o dizer do poeta é digno da confiança dos geógrafos. A disposição de acolher as palavras que atravessam mundos e seres humanos, as dizibilidades humanas e inumanas sobre/no mundo, próprias do realismo fantástico, pode ser cultivada no *corpus* científico-geográfico. Tal disposição nos fornece elementos para a compreensão das imaginações geográficas que, como vimos, é uma potente via para as geografias literárias.

Ao abraçar este caminho, compreendemos como a escrita de Mía Couto solapa as bases das imaginações geográficas que cultuam e promovem o ideário do mundo único bem

como sonha com outras imaginações geográficas, com pensamentos e organizações espaciais de outra ordem. Uma escrita que, pelo onírico, propõe uma nova ordem do mundo, um novo cosmos. Uma nova arrumação do mundo, na qual a diferença não segrega, mas une e enriquece. São imaginações geográficas que se apresentam como possibilidade do diálogo, do superar o mundo único, da coexistência com o não igual, da alteridade geográfica. Horizontes novos de um futuro construído no *aqui e já*. Parafraseando Douglas Poccock (2013), podemos dizer que, se Balzac inventou o século XIX, a escrita de Mia Couto pode reinventar o século XXI. Se o primeiro teceu os mitos da modernidade, o segundo pode (re)construir as tramas do pluriverso. A Geografia precisa ficar atenta a esta (re)invenção de palavras e mundos.

Referências

- AFONSO, Maria Fernanda. *O Conto Moçambicano: escritas pós-coloniais*. Lisboa: Editorial Caminho, 2004.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BESSE, Jean-Marc. Approches spatiales dans l'histoire des sciences et des arts. *L'espace géographique*, v. 39, n. 3, 2010.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org.). *Literatura, Música e Espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007.
- BROSSEAU, Marc. Postface. In: DUPUY, Lionel; PUYO, Jean-Yves (éd.). *L'imaginaire géographique*. Entre géographie, langue et littérature. Pau: Presses de l'université de Pau et des pays de l'Adour, 2014. p. 417- 421.
- CANDIDO. Antonio. A literatura e a formação do homem. *Ciência e Cultura*. São. Paulo, v. 24, n. 9, p. 803-809, 1972.
- CANTARIN, Márcio Matiassi. *Por uma nova arrumação do mundo: a obra de Mia Couto em seus pressupostos ecosóficos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- CASTRO-GOMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.
- CLAVAL, Paul. *A terra dos homens: a Geografia*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CLAVAL, Paul. Uma interpretação transdisciplinar do mundo social. *ParaOnde!?*, v. 15, n. 1, 2021.
- COSGROVE, Denis. *Geography and Vision: seeing, imagining and representing the world*. London: I.B. Tauris, 2008.

- COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- COUTO, Mia. *Pensatempos: textos de opinião*. Lisboa: Caminho, 2005.
- COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COUTO, Mia. *Estórias abensonhadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- DANIELS, Stephen. Geographical imagination. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 36, n. 2, 2011.
- DARDEL, Eric. *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- DOZENA, Alessandro. Horizontes Geográfico-Artísticos entre o Passado e o Futuro. *Geograficidade*, v. 10, p. 73-82, 2020.
- ESCOBAR, A. *Sentipensar com la tierra: nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia*. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.
- ESCOBAR, A. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*. Vol. 35, p. 89-100, 2015.
- FEITOSA, M. M. M. 'Os mortos estão voltando...': o sentimento de lugar e a perspectiva da experiência em 'A história dos aparecidos', de Mia Couto. *Geograficidade*, v. 3, p. 50-58, 2013.
- GREGORY, Derek. *Geographical Imaginations*. Cambridge (Massachusetts - USA); Oxford (UK): Blackweel Publishers, 1994.
- HARVEY, David. *Espaços de esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- HAWKINS, Harriet. *For Creative Geographies: Geography, Visual Arts and the Making of Worlds*, New York: Routledge, 2013.
- KARJALAINEN, Pauli Tapani. Place in Urwind: A humanist geography view. *Geograficidade*, v. 2, n.2, p. 4-22, Inverno 2012.
- LÉVINAS, Emmanuel. *Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista, (org). *Geografia e Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.
- MAQUÊA, Vera. Entrevista com Mia Couto. *Via Atlântica*, n. 8, p. 205-217, 2005.
- MORAES, Claudia Letícia Gonçalves. O lugar da Literatura: um estudo sobre espaço e ficcionalidade em três romances de Mia Couto. 2012. 125 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Orgs.). *Qual o Espaço do Lugar?* Geografia, Epistemologia, Fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- PALHARES, Virgínia Lima. Geografias imaginadas: O mundo pelo olhar do outro. *Revista da ANPEGE*. v. 16. n. 31, p. 350 - 359, 2020.
- POCOCK, Douglas.: Introduction: imaginative literature and the geographer. In: POCOCK, Douglas. (ed.). *Humanistic Geography and Literature: essays on the experience of place*. London: Routledge, 2013, p. 9-19.
- OLWIG, K. R. Literature and Reality: The Transformation of the Jutland Heath. In: POCOCK, Douglas (ed.). *Humanistic geography and literature: essays on the experience of place*. London: Routledge, 2013.
- RIDANPÄÄ, Juha. Imaginative regions. *The Routledge Handbook of Literature and Space*. p. 187-194, 2017
- ROTHWELL, Phillip. *Leituras de Mia Couto: aspectos de um pós-modernismo moçambicano*. Coimbra: Edições Almedina, 2015.
- SECCO, Carmen L. T. Ribeiro. Mia Couto: o outro lado das palavras e dos sonhos. *Via Atlântica*. n 9, p. 71-84, 2006.
- SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados – I*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.
- SILVA, Ana Claudia da. *O rio e a casa: imagens do tempo na ficção de Mia Couto*. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. *O Imaginário*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Francyjonison Custódio do Nascimento

Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e graduado em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Atualmente é professor efetivo da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Norte.

R. Cândido Martins dos Santos, 551, Rosa dos Ventos, Parnamirim - RN, 59141-730

E-mail: jonisoncustodio@gmail.com

Recebido para publicação em abril de 2021.
Aprovado para publicação em agosto de 2021.